

Uma aventura inesquecível no Palácio da Brejoeira, em Monção

Esta é uma história especial! A história de uma turma carismática, o 9º A, do Agrupamento de Escolas de Monção, uma turma que vive em busca de aventuras incríveis!

Após terminarmos a viagem ao “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, recebemos um irrecusável convite da Professora de Português, Ana Gonçalves: uma visita de estudo ao Palácio da Brejoeira, classificado como Monumento Nacional, desde 1910. Como era expectável, a turma ficou entusiasmada e feliz com o convite!

Finalmente, o dia da visita de estudo tinha chegado, e estávamos todos eufóricos, contudo longe de imaginar a aventura que iríamos vivenciar...

O Palácio da Brejoeira fica relativamente próximo da nossa escola, a escassos quilómetros, porém a viagem de autocarro parecia interminável, até vermos o monumental Palácio. Logo à chegada, fomos recebidos pela guia turística, extremamente simpática e atenciosa, que nos acolheu de forma calorosa, aliás, prática habitual da terra que nos viu nascer, Monção! E a nossa aventura começa aqui...

Primeiramente, visitamos o exterior do Palácio e ficamos logo rendidos à beleza sem igual: um extenso e verdejante bosque, um lago cristalino, uma *sui generis* ilha, grutas, uma ponte romana, uma área de vinhas de perder de vista ... Monção é também conhecido além-fronteiras pelo famoso vinho Alvarinho!

Posteriormente, fomos conhecer o interior do Palácio.

- Espetacular! – exclamou, fascinado, o João.

- Agora, venham conhecer o quarto do rei. – sugeriu a guia turística.

Ficamos a saber que no quarto do rei, oficialmente, só pernitoou o Infante D. Afonso.

- E a adega do Palácio? – questionou, impaciente, o Afonso.

- Sigam-me, vamos já conhecer a adega e a sua história – informou, a guia.

Na adega, avistei de imediato uma garrafa empoeirada, que me despertou a atenção. Estava colocada perto de um quadro que retratava a imensidão das vinhas de Alvarinho do Palácio.

- Aquela garrafa está vazia? – interrompeu, curiosa, Eva.

- Está mais afastada das restantes? Porquê? – questionou, intrigado, o Martim.

- É a garrafa mais antiga do Palácio, sendo também a mais especial e valiosa, mas não se aproximem muito... – implorou a guia.

No ar pairava um mistério... A garrafa parecia que escondia algo estranho no seu interior.

-Já alguém teria reparado? – pensei.

Disse à professora que ia à casa de banho, mas na realidade queria ver de perto a garrafa. Aproximando-me da garrafa, descobri quatro algarismos quase imperceptíveis.

- Hum... Será um código?! – pensei, de imediato.

- Repararam na garrafa misteriosa? Esconde um código... – sussurrei à turma.

- A sério? Temos que desvendar o mistério – sugeriu o Marco.

Não sabemos de facto o que esconde esta porta verde de ferro porque sempre esteve fechada – continuava, entusiasmada, a guia.

- Descobrimos quatro algarismos no interior da garrafa que está na adega. Qual será o seu significado? – interrompeu, entusiasmado, o Mateus.

-Sim..., porém, não se sabe o seu significado...– respondeu a guia.

- É um código! Vamos descobrir! – respondeu, em uníssono a turma.

Eu já tinha ouvido falar que em tempos remotos, nas Guerras Fernandinas, este Palácio tinha sido o abrigo de muitos monçanenses.

-Provavelmente, o código que está na garrafa está relacionado com esta época?

– sugeriu, o Gabriel, o mais distraído da turma!

- Não custa nada tentar! – sugeriu a Professora de Português!

Então, lembrei-me de perguntar ao Professor de Educação Tecnológica, Joaquim Amorim, que também nos acompanhou na visita de estudo e é um génio informático. Num piscar de olhos, o professor de Tecnológica descobriu que na época das Guerras Fernandinas existiam covis secretos para guardar informações. Nessa época, Monção foi invadido por “*nuestros hermanos*,” os espanhóis.

Começamos, então pelo ano de 1369, todavia, nada sucedeu, quando apenas faltava 1383, a porta verde de ferro entreabriu-se com um estrondoso ruído metálico. Ficámos todos atónitos...

-Inacreditável! – disse, estupefacta, a Professora de Português.

Um interminável túnel levou-nos a um repartimento sem luz que estava repleto de farinha em elevado estado de decomposição e documentos manuscritos. Ficamos impressionados!...

No final, acabamos por perceber que os cereais armazenados tinham sido utilizados para vencer o inimigo, durante as guerras entre D. Fernando I de Portugal e Henrique II de Castela, pois sabemos que uma das heroínas monçanenses, Deu-la-Deu Martins, com astúcia e destreza defendeu o povo monçanense das investidas de Castela pelo estômago, quiçá com esta farinha fez o pão...os documentos descobertos foram entregues ao Museu “Memórias de Monção!”

Esta visita de estudo tornou-se memorável, e o mistério secular da garrafa do Palácio da Brejoeira ficará para sempre guardado na nossa memória e do povo monçanense! Qualquer semelhança com a realidade não é pura coincidência!



Francisco Correia, 9º A